

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO**

ÉRIKA FERREIRA SILVA

**CAIXA PRETA: CARTAS COLECIONÁVEIS SOBRE
PERSONALIDADES NEGRAS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2020

ÉRIKA FERREIRA SILVA

**CAIXA PRETA: CARTAS COLECIONÁVEIS SOBRE
PERSONALIDADES NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado como obtenção do título de Tecnólogo em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial – DADIN – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Orientador: Prof. Dr. Liber Eugenio Paz

CURITIBA

2020



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Curitiba
Diretoria de Graduação e Educação Profissional
Departamento Acadêmico de Desenho Industrial
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico

TERMO DE APROVAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 152

CAIXA PRETA – CARTAS COLECIONÁVEIS SOBRE PERSONALIDADES
NEGRAS

por

Erika Ferreira Silva – 1798723

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 24 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de TECNÓLOGO E DESIGN GRÁFICO, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O aluno foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo, que após deliberação, consideraram o trabalho aprovado.

Banca Examinadora:

Prof. Rodrigo André da Costa Graça (Dr.)
Avaliador Indicado
DADIN – UTFPR

Prof. Marcos Varassin Arantes (Esp.)
Avaliador Convidado
DADIN – UTFPR

Prof. Liber Eugenio Paz (Dr.)
Orientador
DADIN – UTFPR

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

RESUMO

SILVA, Érika Ferreira. **Caixa Preta – cartas colecionáveis sobre personalidades negras**, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Tecnologia em Design Gráfico, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

Devido a cultura de branqueamento no país, muitas personalidades negras não são estudadas no sistema educacional, tão pouco reconhecidas nas suas áreas de atuação. Visando auxiliar na dinâmica e aprendizagem da disciplina optativa Presença Africana no Brasil da UTFPR (CT) e utilizando o método de pesquisa revisão bibliográfica para a parte teórica e fragmentos metodologia de design thinking para a etapa prática do trabalho, pretende-se criar cartas colecionáveis com imagens de pessoas negras que tiveram grande contribuição na sua área de atuação a partir de uma curadoria feita pela Fundação Cultura Palmares. Algumas considerações parciais foram feitas e acrescidas de lacunas que não foram sanadas neste primeiro momento.

Palavras-chave: Personalidades negras brasileiras. Cartas. Design. Reconhecimento. Afro-brasileiro.

ABSTRACT

SILVA, Érika Ferreira. **Black Box - Deck about black personalities**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Tecnologia em Design Gráfico, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

Due to the whitening culture in the country, many black personalities are not studied in the educational system and unrecognized in their areas of expertise. Aiming to assist in the dynamics and learning of the optional discipline African Presence in Brazil from UTFPR (CT) and using the bibliographic review research method for the theoretical part and the design thinking methodology for the practical stage of the work, it is intended to create collectible letters with images of black people who had a great contribution in their area of activity based on a curatorship by Fundação Cultura Palmares. Some partial considerations were made and added gaps that were not solved in this first moment.

Keywords: Brazilian black personalities. Design. Cards. Recognition. Afro-Brazilian.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ádria Santos	28
Figura 2 - Benedita da Silva	30
Figura 3 - Carolina de Jesus	32
Figura 4 - Brainstorming da Caixa Preta.	35
Figura 5 - Referências das casas de Tiébélé	37
Figura 6 - Estudos de formas geométricas da arquitetura de Tiébélé	37
Figura 7 - Texturas Caixa Preta	38
Figura 8 - Formas para a Caixa Preta.	38
Figura 9 - Marca Caixa Preta.	40
Figura 10 - Cores e variações de marca.	40
Figura 11 - Referências para a criação das cartas.	41
Figura 12 - Cartas (frente).	42
Figura 13 - Cartas (verso).	43
Figura 14 - Mockup digital embalagem e acabamento das cartas.	43
Figura 15 - Mockup digital da amostra de cartas colecionáveis.	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Personalidades negras - mulheres	26
Tabela 2 - Personalidades negras - homens	27

LISTA DE SIGLAS

UTFPR (CT) Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba
DADIN Departamento Acadêmico de Desenho Industrial

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 PROBLEMÁTICA.....	11
1.3 OBJETIVO GERAL	12
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.4 JUSTIFICATIVA.....	12
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	13
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
2.1 APAGAMENTO DE PERSONALIDADES NEGRAS	15
2.2 RAÇA E RACISMO	16
2.3 A LEI 10.639/03	19
2.3.1 Antecedentes	19
2.3.2 A Lei 10639 e extensões	22
2.4 ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E AFRICANOS NA UTFPR (CT).....	23
2.5 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES.....	24
2.6 AS PERSONALIDADES NEGRAS	25
3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	34
3.1 CONCEITO	34
3.1 AS CARTAS.....	40
4 CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Sou a primeira da minha família a ingressar em uma universidade pública e a segunda que pretende se formar, já que minha tia por parte de mãe foi a primeira. Meu pai é balconista em um posto de gasolina e minha mãe durante muito tempo trabalhou como empregada, antes de fazer um curso de cozinha e mudar de atuação profissional. Meus avós, paternos (descendentes de indígenas) e maternos (afrodescendentes), trabalharam em roça ou em atividades similares para criar nossa família até se aposentarem ou falecerem. Eu nasci em Osasco, mas com menos de dois anos meus pais se mudaram pro interior de São Paulo, numa cidade chamada Itatiba, fundada basicamente por italianos.

Fomos morar em uma casa cedida pela empresa do meu pai no centro da cidade, o que me fez estudar em escolas, que apesar de públicas, tinham o melhor ensino e eram frequentadas por alunos brancos e com condições financeiras melhores que a minha. Isso me fez passar por diversas situações de bullying e racismo até mesmo pelos professores. Um episódio que me marcou muito foi quando passei em terceiro lugar na ETEC. A patroa da minha mãe se perguntava como que eu tinha passado, se o filho dela (branco) que estudou a vida inteira em escola particular não passou. Como se não bastasse, quando comecei o ensino médio de fato na escola, uma professora sabendo da minha colocação no vestibular, perguntou se eu tinha colado.

Os parágrafos anteriores, não foram escritos para que você, leitor ou leitora deste trabalho de conclusão de curso, sentir pena de mim, mas para te fazer entender que ser uma menina, mulher, negra em uma sociedade racista não é uma tarefa fácil, porque durante muito tempo eu me sentia feia por ter cabelo cacheado, por não ter uma pele clara, me sentia menos por não poder comprar o brinquedo, a roupa ou os acessórios da moda, me via incapaz do ponto de vista intelectual, social e cultural, eu era uma estranha nos lugares que, teoricamente, eram frequentados por uma maioria branca.

Não era à toa, eu não tinha referências de pessoas em cargos de liderança ou pessoas formadas na minha família, não via negros nos desenhos que eu assistia, no banco, nas novelas, nos cantores da minha adolescência, na casa dos patrões dos meus pais, nas reportagens de astronautas ou até mesmo, nos trabalhos de escola quando tinha que pesquisar sobre um engenheiro, arquiteto, cientista ou matemático

renomados. Em todos os círculos sociais que eu frequentei nenhum me incentivou a almejar um ensino superior, que dirá público. Nenhum me mostrou que eu poderia me destacar na minha área profissional e ser uma líder algum dia. O racismo estrutural existe e faz com que, assim como eu, outras pessoas negras tenham que provar pra si o tempo todo que são capazes, que é possível ser livre e feliz com o seu corpo, porque não há nada de errado com ele, que alguns espaços ainda são frequentados e liderados majoritariamente por pessoas brancas, mas nós podemos ocupá-los por mais difícil que pareça.

Apesar de somente depois dos meus vinte anos ter me conscientizado que eu precisava internalizar essas ideias para manter minha sanidade mental e correr atrás dos meus sonhos, foi na disciplina de Design e Cultura, no segundo semestre de 2018, que eu me questioneei se minha trajetória teria sido menos complicada enquanto negra se eu tivesse estudado personalidades negras na escola e se elas tivessem sido devidamente reconhecidas, já que, por mais relevantes que tenham sido nas suas áreas de atuação, não tiveram o mesmo reconhecimento que pessoas brancas. Na ocasião, estávamos debatendo justamente o apagamento delas no imaginário histórico e social dos brasileiros e foi nesse momento que surgiu o insight para este trabalho num intuito de criar uma familiarização a respeito de personalidades negras através de uma peça gráfica.

Em um primeiro momento, pensei em algo que já fizesse parte do cotidiano das pessoas e que fosse lúdico: um baralho. Porém, discutindo com o meu professor orientador, chegamos na conclusão que não seria viável se levarmos em consideração que algumas cartas de um baralho valem mais que outras e ao atribuímos valores as personalidades, estaríamos afirmando que uma teve mais relevância que a outra e esse não era meu objetivo.

Depois, avistei a possibilidade de criar um jogo de cartas e comecei a investigar similares numa tentativa de entender a metodologia de criação, de interação, mecânica e afins. Notei que todos tinham um vencedor, até mesmo o mais simples, como o Super Trunfo em que habilidades das cartas eram confrontadas, algum jogador iria ganhar. Li sobre alguns estudiosos de jogos escrevi sobre eles, já estava iniciando o desenvolvimento quando qualifiquei este trabalho pela primeira vez. Felizmente, na minha banca estava a Professora Marinês Ribeiro que me elucidou sobre lacunas profundas do meu trabalho e ofereceu para mim e meu orientador alguns caminhos para a solução do meu projeto, um deles era criar uma utilidade

educativa pro jogo, elencando-o a disciplina de estudos africanos da universidade, trabalhando com personalidades negras apresentadas pela Fundação Cultural Palmares. Algumas dessas sugestões foram aplicadas nessa nova versão do trabalho.

Paralelamente a qualificação, tive uma conversa com o Professor Gilson Queluz que me orientou conversar com o Professor Ivo Queiroz, primeiro professor responsável por ministrar a disciplina de estudos africanos e para meu contentamento, era negro e já tinha realizado diversas pesquisas acerca de assuntos relacionados a população negra. É importante ressaltar que eu percorri um longo caminho até chegar nele, que já é aposentado, porque quase não temos professores universitários negros na universidade e falando especificamente do meu curso, eu não tive nenhuma pessoa negra no meu corpo docente.

Marquei uma reunião com o Professor Ivo, falei sobre o meu trabalho e durante quase uma hora ele me explicou sobre princípios africanos, sobre o direcionamento que eu estava dando pro meu trabalho e de forma sutil e didática me mostrou que eu estava falando de uma problemática preta a partir de princípios e estudos brancos. Nesse momento eu já tinha qualificado meu trabalho e estava me preparando para defendê-lo, o que acabei não fazendo. Então, comecei a ler outras fontes de autores negros, resgatei textos obtidos durante as aulas de Design e Cultura e reformulei meu trabalho.

O resultado dessa trajetória, que culminou na criação de cartas colecionáveis sobre personalidades negras será apresentada a seguir, partindo de motivações introdutórias, passando pelas pesquisas teóricas até chegar no desenvolvimento das cartas e considerações parciais.

1.1 PROBLEMÁTICA

De que maneira, paradigmas sociais erroneamente impostos no país, mais especificamente, o de apagamento de personalidades negras nas mais diversas áreas

do conhecimento, podem ser rompidos ou discutidos através do design, sobretudo gráfico?

1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho é, a partir de uma curadoria de personalidades negras da Fundação Cultural Palmares, criar cartas colecionáveis sobre personalidades negras e a partir delas, incentivar a utilização delas em dinâmicas de aprendizagem para a disciplina optativa Presença Africana no Brasil: Tecnologia e Trabalho da UTFPR (CT).

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar e analisar o contexto histórico e construção social acerca do apagamento de personalidades negras no Brasil e assuntos correlacionados através de uma metodologia de pesquisa;
- Selecionar uma metodologia para o desenvolvimento do projeto;
- Elaborar as cartas colecionáveis.

1.4 JUSTIFICATIVA

No livro “O papel social do design gráfico” organizado pelo Marcos da Costa Braga (2011), foram encontrados argumentos que justificam a escolha do tema deste trabalho. Ele é composto por vários textos a respeito do tema central que o intitula e o da Flávia de Barros Neves diz que o objetivo principal do design social não é a venda de produtos e serviços, mas sim, como o próprio nome sugere, uma transformação social, econômica e/ou política, ou seja, o design gráfico se torna uma ferramenta de “questionamento e mobilização social, dedicado à difusão de ideologias e à busca de uma melhoria social” (NEVES, 2011, p.45). Ela também aponta que o designer responsável por um projeto deste tipo é, antes de mais nada, um cidadão que tem plena consciência dos seus direitos e deveres na sociedade e que determina o fim da apatia e indiferença através do design (NEVES, 2011, p. 46).

Portanto, a peça gráfica resultante de toda a pesquisa deste trabalho de conclusão de curso, será uma tentativa de elucidar as pessoas que tiverem contato com as cartas sobre a importância das personalidades negras para as mais diversas áreas do conhecimento, tendo como respaldo a Lei 10.639 que incentiva e, dependendo da instituição de ensino, obriga a inserção de estudos sobre a história e cultura afro-brasileira e africana, fortalecendo a ideia de que é preciso estudarmos nossos ancestrais e histórias de pessoas pretas para construirmos um país menos racista, reforçando a ideia de Flávia de Barros Neves (2001) de que o design contemporâneo engloba outros aspectos que não só mercadológicos, funcionais e estéticos.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Para o processo de qualificação do projeto, este trabalho apresenta cinco partes. A primeira é a introdução, que consiste nas motivações do projeto, partes que compõem o problema, bem como objetivos que pretendem ser alcançados. Na segunda, de revisão bibliográfica, serão apresentados dados teóricos que irão embasar a problemática de trabalho e fornecerão dados históricos, sociais, antropológicos e culturais acerca dos temas de raça e racismo, a Lei 10.639/03, a disciplina de estudos africanos, Fundação Cultural Palmares e personalidades negras. Em seguida, o início do processo prático baseado em algumas da metodologia de design thinking. Por fim, a etapa que deveria, pelas normas da ABNT, ser chamada de conclusão, abre espaço para as considerações parciais do projeto, já que o mesmo, será entregue, porém com possibilidades de continuar após o término da graduação.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

No intuito de obter subsídios teóricos e históricos de assuntos pertinentes ao trabalho, o método de revisão bibliográfica foi escolhido por abranger publicações (de jornais, revista, teses, pesquisas, monografias, artigos científicos, etc.) impressos ou eletrônicos, materiais cartográficos e até mesmo, meios orais de comunicação (gravações, audiovisuais, rádio, etc), que permite maior flexibilidade na escolha das fontes de pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2017, pg. 200).

As autoras, dividem a pesquisa bibliográfica em oito fases diferentes:

- a) Escolha do assunto: tema do trabalho.
- b) Plano de trabalho: estrutura do documento com todas as seções, partindo da introdução, onde deverá conter justificativa, metodologia, etc.
- c) Identificação: levantamento em catálogos, bibliotecas, base de dados e outros para selecionar quais obras e fontes serão pertinentes para entendimento do tema, que só é possível através da leitura dos sumários, resumos (abstracts), referências das obras (que levarão a outras obras) e tudo aquilo que julgar pertinente para compreender o assunto tratado em cada uma das fontes.
- d) Localização: como o próprio nome sugere, consiste em localizar as obras anotadas na fase anterior.
- e) Compilação: reunião sistemática de todo o material coletado na fase anterior.
- f) Fichamento: transcrição em fichas dos dados obtidos através da leitura, com a maior fidelidade possível.
- g) Análise e interpretação.
- h) Redação: escrita de acordo com o trabalho científico solicitado (monografia, dissertação ou uma tese).

Sendo assim, serão estudados as ideias, conceitos e resultados de pesquisa de alguns autores numa tentativa de compreender e assimilar melhor os fenômenos sociais, históricos, antropológicos e conceituais acerca dos temas que envolvem este trabalho. Apesar das autoras Marconi e Lakatos (2017) sugerirem um tema central para realizar a revisão bibliográfica, estudar somente o apagamento de personalidades negras não seria suficiente para elaboração do trabalho. Portanto, outros assuntos serão revisados como raça e racismo, a Lei 10.639/03, a disciplina de estudos africanos, Fundação Cultural Palmares e personalidades negras.

Como a estrutura do trabalho de conclusão de curso já é pré-estabelecida pelas normas da ABNT e da instituição de ensino, iniciou-se a fase de identificação das obras que poderiam ser úteis através da leitura de contracapas dos livros, resumos de artigos e das descrições de alguns vídeos nas plataformas Youtube e Vimeo. A maioria dos artigos eram digitais e foram localizados facilmente e os livros sugeridos pelo Professor orientador e por outros docentes do departamento de design da universidade, também foram encontrados na biblioteca da UTFPR (CT). Somente o livro *O Perigo de uma história única* (2019) foi comprado.

2.1 APAGAMENTO DE PERSONALIDADES NEGRAS

Em 2009, Adichie (2019) fez uma palestra no TED *Talk*, evento de compartilhamento de conhecimento, sobre o perigo de uma história única e este vídeo, virou um livro com o nome homônimo. A princípio, ela falou sobre vivências da infância, quando lia obras britânicas e ao começar a escrever suas próprias histórias, mesmo morando na Nigéria, delineava personagens com características inglesas, enfatizando o quão tendenciosas as pessoas são mediante fatos, sobretudo na infância. Entretanto, afirmou que tudo mudou, quando começou a se interessar por obras africanas, vislumbrando um mundo literário onde se reconhecia e que desacreditava ser possível até então, ressaltando que isto a impediu de ter uma história única sobre livros e personagens majoritariamente brancos (Adichie, 2019, p. 7-14).

Na mesma palestra, contou sobre sua saída do continente da África para estudar no da América e como era estereotipada como pobre, com pouca capacidade intelectual sendo digna de pena, já que a única história que sua colega de quarto ouvirá, justificava essas impressões errôneas, porém a escritora era de classe média, falava mais de uma língua e tinha um pai professor universitário e uma mãe administradora. Ela acredita que isso também tem a ver com os contos, figuras e percepções disseminadas pela cultura ocidental e afirma que estas histórias únicas estão fortemente ligadas com o poder, que presente em outras áreas, faz com que os mais poderosos contem e afirmem histórias como únicas e irreversivelmente verdadeiras (Adichie, 2019).

O apagamento de personalidades negras no imaginário histórico e social dos brasileiros, além dos fatores racistas que serão explanados posteriormente, também está diretamente ligado a única história que foi passada de geração em geração através do ensino de que somente brancos brasileiros contribuíram significativamente nas Artes, na História, na Ciência, na Política e em outras áreas do conhecimento, ignorando quaisquer contribuições da população negra. Apesar de existirem ações afirmativas como a Lei 10639 que visam reparar a discriminação para com as pessoas negras, ainda faltam muitas mudanças na relação entre a comunidade negra, a sociedade como um todo e o Estado.

2.2 RAÇA E RACISMO

Segundo Munanga (2003) o ser humano utiliza a classificação como instrumento de funcionalizar o pensamento. Sendo assim, em algum momento da história, naturalmente apareceriam classificações para a diversidade humana, mas o que aconteceu foi que as pessoas foram divididas em raças para justificar a superioridade hierárquica de uns (brancos) em relação a outros (pretos).

A classificação dos seres vivos, na história da ciência, acontece por meio da Zoologia e da Botânica que apontam os humanos como espécie *homo sapiens* por ser um conjunto de seres, homens e mulheres, que geram outros machos e fêmeas. Esse tipo de classificação é importante porque possibilita o estudo e entendimento de milhares de espécies existentes no planeta, assim como outros tipos de classificações mais práticas como a de autores e assuntos que auxilia na busca de documentos em uma biblioteca, por exemplo (MUNANGA, 2003).

Como em toda classificação existe a necessidade de categorizar informações a partir das semelhanças e diferenças, entre os séculos XVIII e XIX, os naturalistas não só classificaram os grupos humanos em três grandes raças (preta, amarela e branca), como estabeleceram uma escala de valores entre elas, relacionando características biológicas (cor de pele, traços morfológicos) com qualidades intelectuais, sociais, psicológicas e morais.

Assim, os indivíduos de raça 'branca', foram decretados coletivamente superiores aos da raça 'negra' e 'amarela', em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor de pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes mais honestos, mais

inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças (MUNANGA, 2003).

No século XX, com estudos comparativos de genética, constatou-se que materiais genéticos de duas pessoas da mesma raça, muitas vezes, são mais distintos se comparados a pessoas de raças diferentes, bem como marcadores genéticos característicos de uma, também podem ser encontrados nas demais raças. Com isso, os estudiosos chegaram no consenso de que as raças não existem dos pontos de vista biológico e científico e que só servem para explicar a diversidade humana de forma prática. Porém, até hoje as três raças persistem e com elas, os mesmos conceitos ideológicos de poder e dominação de acordo com a cor do indivíduo (MUNANGA, 2003).

Alguns biólogos antirracistas chegaram até sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. No entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, eles justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e exclusão (MUNANGA, 2003).

Hoje no Brasil, as classificações de raças são orientadas principalmente com base na cor de pele que o indivíduo se autodeclara: branca, preta, parda, indígena ou amarela (IBGE Educa, 2016). Apesar da ideia de superioridade da raça branca ter acarretado danos profundos nas demais raças em diversos pontos de vista, sejam eles cultural, econômico, educacional, histórico e social, este trabalho pretende fazer um recorte tratando questões relacionadas a comunidade preta que utiliza o termo raça com uma nova interpretação fundamentalmente cunhada em estudos sociais e políticos, que vão além de aspectos representativos de grupos raciais e abordam problemas como o racismo na sociedade brasileira (GOMES, 2005).

São diversas as origens do racismo, mas Munanga (2003) insiste no fato de que ele nasce quando aspectos biológicos são usados para justificar determinado comportamento. Este fenômeno ocorre quando se cria relações entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que pode ser observada em uma classificação do século XVII, do naturalista Carl Von Linné, que

divide o *Homo Sapiens* em quatro raças:

Americano, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado. Asiático: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.

Africano: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo e gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.

Europeu: branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertadas (MUNANGA, 2003).

O ponto de partida para esta classificação claramente é a hierarquia e os fundamentos dela sobreviveram e superaram os progressos da ciência e se mantêm intactos no coletivo das novas gerações (MUNANGA, 2003). Um exemplo claro disso no Brasil são as piadas e apelidos voltados para as pessoas negras, pautados na aparência física (cor de pele, cabelo, corpo) que os coloca em lugar de inferioridade, atitudes que se aprende na escola, na família e nos círculos sociais como um todo (GOMES, 2005).

O racismo no país persiste porque a sociedade brasileira é estruturalmente racista tendo em vista que a cor de pele de uma pessoa determina o seu destino social e não seu caráter, trajetória e história. O período da escravidão deve ser levado em consideração também, mas o fato de após a abolição o Estado não ter se posicionado política e ideologicamente contra o racismo, pelo contrário, desconsiderou a discriminação contra os negros e naturalizou a desigualdade racial entre pretos e brancos, agravou ainda mais o problema (GOMES, 2005).

Outro ponto importante e contraditório que auxilia na propagação do racismo é a própria insistente negação dele pela maioria dos brasileiros, mesmo com pesquisas comprovando que no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros são discriminados e vivem em desigualdade racial comparados aos brancos (GOMES, 2005).

A autora Gomes (2005) aponta como uma possível solução do problema a discussão do assunto e afirmação da existência do racismo pelo poder público, na sociedade e nas escolas. Munanga (2003), segue pela mesma linha de raciocínio e aponta as políticas de "ações afirmativas" como medidas importantes para diminuir a desigualdade e segregação da população negra.

A lei 10.639/03 é um exemplo de uma ação afirmativa, ou seja, uma medida que foi tomada na tentativa de reparar a discriminação da população negra através do ensino. Ela será detalhada no capítulo a seguir, porque servirá de embasamento teórico para a criação de um projeto gráfico de cartas que intenta auxiliar na aprendizagem de estudos afro-brasileiros dentro da universidade.

2.3 A LEI 10.639/03

Esta lei não foi implementada de forma rápida, pelo contrário, passou por diversas etapas históricas e foi resultado dos movimentos negros do pós-abolição da escravatura no Brasil que se intensificaram nas décadas de 1980 e 1990. É justamente essa linha do tempo que será resumida a seguir para entender todo o processo que levou ao sancionamento da lei (PEREIRA; SILVA, 2012).

2.3.1 Antecedentes

O Movimento Negro é a luta de um grupo de pessoas majoritariamente negras que visam resolver problemas provenientes do racismo, como a marginalização da população negra no mercado de trabalho e em questões sociais, culturais, educacionais e políticas. Sendo assim, para entender a implementação da lei 10.639/03 será necessário apontar alguns acontecimentos históricos, levando em consideração o contexto do Brasil República dos anos de 1889 até os anos 2000, quando a lei foi sancionada (DOMINGUES, 2007, pg. 100-101).

Em 1889, pouco tempo depois da abolição da escravatura, a população negra não obteve nenhum benefício material ou representativo, pelo contrário, começou um processo de marginalização, pois enfrentavam uma cultura de branqueamento que louvava principalmente os arquétipos europeus em detrimento aos demais e diversas limitações políticas. Com isso, homens e mulheres que recém saíram da condição de escravo, bem como seus familiares, se mobilizaram em diversas partes do país, para criarem clubes, associações e grêmios pro a comunidade negra (DOMINGUES, 2007, p. 103-104).

Paralelamente, surgiram diversos jornais publicados por negros e destinados a tratar dos males que os cercavam nas esferas do trabalho, educação e saúde,

propondo maneiras de contornar o racismo. Ademais, estes periódicos denunciavam situações que os impediam de entrar ou frequentar diversos ambientes, como teatro, restaurantes, ruas e outros. Entretanto, somente em 1930, com a criação da Frente Negra Brasileira (FNB) é que medidas determinantes foram tomadas (DOMINGUES, 2007, p. 105-106).

Sendo a mais importante entidade negra na primeira metade do século XX, a FNB atuou em diversos estados com suas filiais e promoveu a abertura de escolas, cursos, grupos musicais e teatrais, dentre outras atividades voltadas para a comunidade negra. Tornou-se um partido político em 1936, pretendendo concorrer nas eleições tentando angariar votos da “população de cor”, como chamavam na época. Apesar de ter sido recebida pelo próprio Getúlio Vargas, presidente na época e ter lançado o impresso *A Voz da Raça*, foi extinta na ditadura, com a inserção do “Estado Novo”, abrindo uma lacuna nos movimentos sociais negros (DOMINGUES, 2007, p. 106-107).

Entre 1937 e 1945, período do Estado Novo, a população brasileira passou por uma forte repressão política, impedindo o aparecimento de movimentos de oposição. Após o término da ditadura “Varguista”, o movimento negro ressurgiu organizado e mais ativo politicamente, isso porque discriminação racial, preconceitos e marginalização da população negra continuavam (DOMINGUES, 2007, p. 107).

Em 1943, João Cabral Alves fundou a União dos Homens de Cor (UHC), com o objetivo de ingressar as pessoas “de cor” em todo o território nacional na vida social e administrativa do país através de debates com imprensas locais, alfabetização, assistências médica e jurídica, atuação em campanhas eleitorais e outras atividades. Presente em diversos estados, a UHC conseguiu uma audiência com o Presidente Getúlio Vargas e apresentou uma série de reivindicações a favor da população negra, porém foi um dos movimentos sociais barrados pela ditadura (DOMINGUES, 2007, p. 108). Nesse mesmo período, especificamente em 1944, outro ajuntamento de bastante relevância foi o Teatro Experimental Negro (TEN), liderado pelo Abdias do Nascimento. A princípio, era ser uma companhia de teatro formada apenas por negros, mas o TEN realizou grandes feitos como a fundação do Museu do Negro, a organização do I Congresso do Negro Brasileiro, foi muito ativo na defesa da criação de uma legislação antidiscriminatória e promoveu avanços na organização da população negra no país (DOMINGUES, 2007, p. 109).

Diversos grupos se articularam para a luta anti-racista brasileira, mas foi em

1951 que a primeira lei antidiscriminatória foi aprovada devido a um episódio racista que envolveu uma bailarina americana impedida de se hospedar em um hotel paulistano. O período da ditadura (1964 a 1985), foi um período quase silencioso para a luta negra (DOMINGUES, 2007, p. 110).

O período de 1980 ao final de 1990, foi marcado por efervescente mudança, sobretudo no âmbito educacional, muitos pesquisadores estavam estudando a desigualdade e o preconceito na área da educação que resultou na implementação de estudos africanos nas escolas estaduais baianas, em 1985, através de esforços do secretário da educação e cultura da Bahia juntamente com a Universidade Federal da Bahia. Discussões constantes sobre problemas raciais dentro de debates políticos que juntamente com o Movimento Negro, conseguiram implementar leis como a Lei Caó, primeiro contra crimes racistas, e ações afirmativas prol a educação, melhorias sociais e outros. A Marcha Zumbi dos Palmares, em 1995, contribuiu definitivamente para que o Estado prestasse atenção as lutas antirracistas e tornou público a existência do racismo no Brasil resultando, por exemplo, no lançamento do Programa Nacional de Direitos Humanos que estabelece dentre outras medidas, a luta contra o racismo (PEREIRA; SILVA, 2012).

Apesar de no início da década de 80 o deputado Paulo Paim ter apresentado na Câmara Federal um projeto que seria o começo da lei 10.639/03, não obteve sucesso porque a mesma foi arquivada. Somente em 1999, com a pressão do movimento negro e indicadores mostrando que a população negra estava em defasagem não só na educação como em outros aspectos sociais, culturais, etc., mais os esforços de diversos políticos é que o projeto de Lei número 259 foi aprovado. Formulado pelos deputados eleitos na época, Ben-Hur Ferreira e Esther Gossi, a lei obrigava a inclusão de temáticas História e Cultura Afro-Brasileira no currículo das escolas (PEREIRA; SILVA, 2012).

Outro ponto importante para destacar desse período foi a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), bem como a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1996 e 1997 respectivamente, na finalidade de garantir que todos os estudantes brasileiros tivessem direito aos saberes básicos, exercendo assim a cidadania plena no país e propiciando a implementação da lei 10.639/03 (PEREIRA; SILVA, 2012).

2.3.2 A Lei 20.639 e extensões

Aprovada em 1999 e introduzida em janeiro de 2003 pelo presidente Lula em cumprimento da sua promessa de campanha em apoiar a luta negra, a lei 10.639/03 promoveu mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), reestruturada em 1996 e considerada a mais importante para a educação brasileira (PEREIRA; SILVA, 2012). Isso porque acrescentou artigos que tornaram obrigatórios nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio estudos sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, desde História da África e dos Africanos, passando pela luta e cultura negra no Brasil até "o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil", especialmente nas disciplinas que tangem Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Ademais, a lei integrou o dia 20 de novembro no calendário escolar (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2003).

A aprovação da lei em questão tornou possível a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a SEPPIR, no dia 21 de março de 2003. Vinculada atualmente ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, tem por finalidade articular políticas e diretrizes que promovam a igualdade racial através de ações afirmativas, criação de oportunidades para a população negra e combate do preconceito e racismo no país (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E DA SEGURANÇA PÚBLICA, 2017). Junto ao Ministério da Educação, a SEPPIR lançou em 2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que visa esclarecer os princípios que permeiam a lei 10.639 para todos os envolvidos na educação nacional (docentes, agentes, instituições), dentre eles, as políticas de reparação para com a comunidade negra através do ensino, garantindo que esta ingresse, permaneça e tenha êxito profissional através do ensino superior, por exemplo (PEREIRA; SILVA, 2012 apud MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004, p. 08).

Apesar da lei 10.639 ser uma conquista do Movimento Negro no país, ocorreram dois vetos na sua aprovação: a proposta que exigia dez por cento do conteúdo das matérias de História do Brasil e Educação Artística no ensino médio para tratar de temas africanos e afro-brasileiros e a outra, se tratava de capacitar

professores através de cursos em parceria com instituições sejam do movimento afro-brasileiro, universitárias ou de pesquisa relacionadas ao tema. As justificativas que foram usadas para indeferir tais propostas da lei 10.639 são que não atendiam "ao interesse público consubstanciado na exigência de se observar, na fixação dos currículos mínimos de base nacional, os valores sociais e culturais das diversas regiões e localidades de nosso país" e que a capacitação de professores não está inclusa em nenhum artigo da LDB, que não pode alterar seu conteúdo tendo em vista a "Lei Complementar no 95, de 26 de fevereiro de 1988, segundo a qual a lei não conterà matéria estranha a seu objeto" (PEREIRA; SILVA, 2012).

Os autores Pereira e Silva (2012) não afirmaram que esses vetos podem estar diretamente ligados aos problemas enfrentados na implementação da lei atualmente, mas a falta de iniciativa por parte dos ministérios envolvidos de capacitar os profissionais de educação sobre assuntos pertinentes a História e Cultura Afro-Brasileira, colocam em risco o efeito prático dela no sentido de promover a valorização e entendimento da cultura africana, uma vez que dependerá exclusivamente do responsável pela disciplina trabalhar mais ou menos assuntos que reverberam a lei.

2.4 ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E AFRICANOS NA UTFPR (CT)

Apesar de ser optativa, a disciplina de Presença Africana no Brasil: Tecnologia e Trabalho também é fruto da lei 10.639/03, exigindo que conteúdos sobre a história africana sejam implementados nos mais diversos níveis de aprendizagem, inclusive no superior.

Inicialmente ministrada pelo Professor Ivo Pereira de Queiroz¹, ela aborda basicamente a relação étnico-racial, cenário cultural africano, processos sociais e históricos dos africanos no território brasileiro, o desenvolvimento produtivo nos períodos de escravidão e pós escravidão, questões racistas e anti-racistas.

¹ Doutor em Tecnologia, pela UTFPR (2013). Atualmente é professor titular aposentado da UTFPR, onde ministrou aulas de Filosofia, Ética, História, Sociologia e Metodologia de Pesquisa e Presença Africana no Brasil: Tecnologia e Trabalho. Atua principalmente nos seguintes temas: Ética. Educação Tecnológica. Filosofia da Ancestralidade. Tecnologia (CURRÍCULO LATTES).

Atualmente a responsável pela disciplina é a Professora Andréa Maila Voss Kominek² que ressalta que o objetivo da disciplina também é fazer com que "os alunos conheçam, para passar a reconhecer, a importância da contribuição africana para o Brasil" (GAIO, 2018).

Outras temáticas também são tratadas durante as aulas como os negros no cinema, religiões de origens africanas, quilombos, feminismos das mulheres negras e os alunos que optam por incluir os estudos de presença africana no Brasil são provenientes de diversos cursos da universidade, inclusive de ciências exatas, como a engenharia os alunos conheçam, para passar a reconhecer, a importância da contribuição africana para o Brasil (GAIO, 2018).

2.5 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Antes de mais nada, vale ressaltar que existem e existiram muitas pessoas negras que tiveram relevância na sua área de atuação e/ou no combate e resistência ao racismo no país, porém, para tornar o projeto mais viável e otimizar o processo de desenvolvimento do projeto, houve a necessidade de fazer um recorte a partir da curadoria de um órgão confiável e pertinente dentro da luta negra no país, a Fundação Cultural Palmares.

Fundada em 1988 e vinculada ao Ministério da Cultura, foi uma das conquistas da luta pelos direitos dos negros no país. Além de promover e preservar os valores culturais dos negros, a instituição é uma ponte entre essa população e o Poder Público. Prova disso, foi o seu apoio e difusão da lei 10.639/03, estimulando discussões sobre a preservação da cultura afro no Brasil e auxiliando professores e escolas na aplicabilidade da Lei (GALEDÉS, 2011).

Apesar de ter sua sede em Brasília, ela atua em todo território nacional através de representantes estaduais e é dividida em "três estruturas administrativas: o Departamento de Promoção ao Patrimônio Afro-Brasileiro (DPA), o Departamento de Fomento e Promoção da Cultura Afro-Brasileira (DEP) e o Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra (CNIRC)" (FUNDAÇÃO PALMARES,

² Doutora em Sociologia pela Universidad de Salamanca, na Espanha. Atualmente é professora de Filosofia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Realiza pesquisas nas áreas de Filosofia, Sociologia, Tecnologia, Gênero, Relações Raciais e Políticas Afirmativas (CURRÍCULO LATTES)

2017). O primeiro é responsável por preservar bens culturais africanos, certificando as áreas quilombolas como remanescentes de quilombos, por exemplo. A segunda, realiza eventos e editais com o intuito de difundir a produção afro-brasileira dentro e fora do Brasil. Já o último núcleo, apoia a produção e difusão de informações sobre a cultura afro no país, através de desenvolvimento e acompanhamento de estudos e pesquisas "mapeando, sistematizando, atualizando e disponibilizando informações, registros e cadastros nacionais sobre o tema". Também conserva e nutre o acervo da biblioteca institucional (livros, vídeos, imagens) e é justamente desse patrimônio que foram retiradas as personalidades negras para serem estudadas neste trabalho de conclusão de curso (GALEDÉS, 2011).

Em uma entrevista à BBC NEWS do Brasil, o antropólogo Kabengele Munanga, professor da USP, afirmou que "parece que os negros não têm passado, presente e futuro no Brasil", porque diversas pessoas negras que deveriam ser estudadas na escola, continuam sendo deixadas de lado sem a menor preocupação de uma mudança por parte do sistema de educação do país (MODELLI, 2017). Na ocasião, alguns nomes como Dandara dos Palmares, Milton Santos, Carolina de Jesus e outros foram mencionados, muitos deles aparecem na lista de personalidades da história brasileira feita pela Fundação Palmares.

2.6 PERSONALIDADES NEGRAS

Apesar do cenário cultural, social e econômico desfavorável no Brasil, as pessoas negras resistiram e continuam resistindo ao racismo, às desigualdades e paradigmas de inferioridade sustentados até os dias de hoje, seja através de protestos, ocupando (pouquíssimos) cargos de liderança, entendendo a importância de não se calarem, observando a potência da cor da sua pele, dos seus cabelos ou simplesmente, no caso dos mais velhos, vendo seus filhos e netos se tornando os primeiros a se graduarem no ensino superior de suas famílias, não só devido o sistema de cotas, mas por todo os esforços das gerações anteriores.

Tendo essas reflexões em mente fica evidente que todas as mulheres e homens negros são personalidades importantes para mudanças na nossa sociedade. Entretanto, para tornar viável o desenvolvimento prático do trabalho será necessário fazer um recorte com base na problemática introdutória, visando atingir o objetivo de

projetar um baralho para auxiliar na dinâmica de aprendizagem da disciplina sobre estudos africanos na universidade. Este recorte será feito a partir da curadoria de um dos órgãos públicos representante da população negra no país, a da Fundação Palmares.

Como a listagem da fundação apresenta noventa e cinco nomes de personalidades negras, que apesar de ter nomes de estrangeiros é formada majoritariamente por brasileiros. Para uma visualização rápida dividiu-se em duas tabelas, uma para o gênero feminino e outra para o masculino.

Tabela 1 – Personalidades negras – mulheres.

PERSONALIDADES - MULHERES				
Ádria Santos	Alaíde Costa	Antonieta de Barros	Benedita da Silva	Carolina de Jesus
Clementina de Jesus	Conceição Evaristo	Dandara	Dona Ivone de Lara	Elza Soares
Enedina Alves Marques	Givânia Maria da Silva	Janete Rocha Pietá	Janeth Arcain	Jovelina Pérola Negra
Jurema da Silva	Léa Garcia	Leci Brandão	Lélia Gonzales	Luísa Mahin
Luislinda Valois	Luiza Bairros	Mãe Aninha	Mãe Beata de Iemanjá	Mãe Gilda
Mãe Menininha	Mãe Stella	Maria Aragão	Maria Firmina	Melânia Luz dos Santos
Mercedes Baptista	Miriam Makeba	Mãe Biu do Xambá	Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva	Ruth de Souza
Sandra de Sá	Severina Paraíso da Silva	Sueli Carneiro	Teresinha Guilhermina	Tia Ciata
Zezé Motta				

Fonte: Autoral (2020)

Tabela 2 – Personalidades negras – homens.

PERSONALIDADES - HOMENS				
Abdias do Nascimento	Adhemar Ferreira da Silva	Albert Luthuli	André Rebouças	Arthur Bispo do Rosário
Cartola	Cruz e Souza	Donga	Dorival Caymmi	Du Bois
Édson Bispo dos Santos	Emanoel de Araújo	Ernesto Carneiro	Francisco José do Nascimento	Geraldo Filme
Gilberto Gil	Grande Otelo	Guilherme Paraense	Jair Rodrigues	João Cândido
João da Baiana	Joaquim Cruz	José Correia Leite	José Telles da Conceição	Juliano Moreira
Lima Barreto	Luís Gama	Luiz Gonzaga	Lupicínio Rodrigues	Machado de Assis
Francisco dos Santos	Malcolm X	Martin Luther King	Martinho da Vila	Mestre Bimba
Mestre Pastinha	Milton Nascimento	Milton Santos	Nelson Mandela	Oliveira Silveira
Padre José Maurício Nunes Garcia	Paulo Paim	Paulo Lauro	Patrice Lumumba	Servílio de Oliveira
Steve Biko	Solano Trindade	Tim Maia	Ubirajara Fidalgo	Vanderlei Cordeiro de Lima
Veridiano Farias	Vovô do Ilê	Zózimo Bulbul	Zumbi dos Palmares	

Fonte: Autoral (2020)

A princípio, a ideia do projeto é apresentar uma carta para cada personalidade, porém, para viabilizar o documento e adequar o projeto ao prazo de entrega, optei por fazer uma amostra de como seriam os cards colecionáveis. Para tanto, criei uma regra

de selecionar o primeiro nome de cada letra do alfabeto entre as letras "a" e "c", totalizando assim seis nomes. Até aqui, foram determinantes escolhidas aleatoriamente, porém, entre as duas tabelas, selecionei a das mulheres.

O racismo é muito mais cruel com as negras, porque houveram pouquíssimas mudanças desde a abolição da escravatura, colocando-a na base da pirâmide social, menores níveis intelectuais, trabalham mais e ganham salários , são as que menos ocupam lugares de destaque nas suas áreas de atuação ou de liderança (GÉLEDES, 2015). Sendo assim, o racismo é muito mais cruel quando se trata dessa parcela da população brasileira e com o reconhecimento das personalidades negras não é diferente.

Apesar de eu já ter feito um apanhado geral anteriormente sobre como o movimento negro se articulou no país e todas as personalidades negras, homens e mulheres, terem participado de alguma maneira na luta contra o racismo, não daria para incluir todas e todos em um só texto, já que cada um teve particularidades na sua trajetória e atuou em áreas distintas. Para a amostra da coleção de cartas, compilei as biografias da Ádria Santos, Benedita da Silva, Carolina de Jesus.

3.6.1 Ádria Santos

Figura 1 – Ádria Santos.



Fonte: MIRANDA (2018).

Em 11 de agosto de 1974 nascia a mulher que mais tarde criaria memórias e feitos significativos ao esporte feminino nacional. Mineira de Nanuque e com família humilde Adriá Rocha Santos se destacou como velocista tetracampeã paralímpica, foi na Associação de Deficientes de Belo Horizonte que seu destaque foi ganhando força, apesar de carregar consigo a retinose pigmentar, doença que a fez perder a visão, nada a impedia de ser quem era (MIRANDA, 2018).

As dificuldades apareceram durante sua carreira como sua gravidez precoce aos 15 anos, visto que em diversos momentos foi preciso abdicar o tempo com a filha para se dedicar aos treinos, porém mais tarde viria a ser sua motivação nas competições. As lesões que infelizmente fazem parte do cotidiano de um atleta, a deixava tensa, entretanto aprendeu a respeitar o tempo de cura do seu corpo mesmo quando próximo às competições (MIRANDA, 2018).

Em seus anos de competições sua carreira começou na paraolimpíada de Seul em 1988 e se encerrou nos jogos de Pequim em 2008, neste período conquistou 78 medalhas internacionais e 583 nacionais, alcançando o pódio quatro vezes pela medalha de ouro, oito pela prata e uma pelo bronze (MIRANDA, 2018).

Atualmente Ádria não saiu do âmbito esportivo, se reinventando na modalidade de ciclismo paralímpico, participou de poucas competições em razão da adaptação com a nova modalidade (MIRANDA, 2018).

A contribuição da atleta não foi apenas levantar suas medalhas no pódio de maneira que representasse a comunidade esportiva feminina, a mesma foi ativa em outros dois aspectos, consistindo na normatividade de inclusão de atletas paralímpicos e dando significado e visibilidade aos negros que pretendem chegar ao pódio (MIRANDA, 2018).

3.6.2 Benedita da Silva

Benedita da Silva, brasileira que se destaca pelas duas datas de nascimento, nascida no dia 11 de Março de 1942 e foi registrada no dia 26 de Abril. É uma mulher negra, filha de umbandista e nascida fora do casamento. Essa carioca criada com seus 14 irmãos no morro do Chapéu- Mangueira, trabalha desde cedo, começou como vendedora de amendoim e limão. Logo em seguida trabalhou como operaria fabril e entregava roupas que sua mãe lavava e passava, tendo como um de seus clientes

Juscelino Kubitschek, presidente da República na época. Filha da lavadeira Maria da Conceição, conhecida como Dona Ovídia, e do pedreiro e lavador de carro José Tobias, teve contato com a política desde cedo em casa com os pais, que eram simpatizantes de Getúlio Vargas.

Figura 2 – Benedita da Silva



Fonte: Partido do Trabalhador.

Política ativista do Movimento Negro e Feminista, teve seu envolvimento em ações sociais na sua juventude através do centro umbandista da sua mãe. Aos 15 anos perdeu sua mãe, na mesma época em que começou a trabalhar com Paulo Freire, aplicando seu método de ensino na comunidade do morro. Nas comemorações do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro, em 1965, foi indicada para representante do bairro de Copacabana no concurso de mulheres sambistas promovido pela Prefeitura, tendo sido eleita a Miss IV Centenário. Aos 26 anos de idade, converteu-se à Assembleia de Deus.

Em meio a ditadura na década de 1960, foi uma das pioneiras do Departamento Feminino da Associação de Moradores do Chapéu-Mangueira, posteriormente deu início a um trabalho em conjunto com o Centro da Mulher Brasileira, promovendo uma troca histórica de experiências entre estratos sociais diferentes: a classe média ilustrada e as mulheres do morro. Benedita foi a única entre os 15 filhos que conseguiu se formar, conciliando o trabalho com o estudo, diplomando-se em serviço social no ano de 1982.

Sua atuação nos movimentos de favela, no movimento negro e de mulheres

foi a ponta de lança para sua candidatura, com o apoio de Luis Inácio Lula da Silva, como vereadora nas eleições municipais de 1982 pela legenda do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo a única vereadora do partido no Rio de Janeiro. Eleita, sua trajetória política foi meteórica, tornando-se a primeira mulher negra a atingir os mais altos cargos da história do Brasil: vereadora, deputada federal constituinte, reeleita para um segundo mandato em 1990, senadora, em 1994, com mais de 2 milhões e 400 mil votos, e vice-governadora no pleito de 1998. Seus mandatos foram marcados pela defesa das mulheres e dos negros. Destacamos alguns projetos de sua autoria: o projeto que inscreveu Zumbi dos Palmares no panteão dos heróis nacionais, fez de 20 de novembro o “Dia nacional da consciência negra”, além de outros projetos que propõem a inclusão de negros nas produções das emissoras de televisões, filmes e peças publicitárias. Foi responsável também pela criação de delegacias especiais para apurar crimes raciais, cota mínima em instituições de ensino superior; obrigatoriedade do quesito “cor” em documentos; lei contra assédios sexuais e direitos trabalhistas extensivos às empregadas domésticas (AS MINA DA HISTÓRIA,2016).

Viúva, em 1981, do seu primeiro marido Nilton Aldano da Silva, com quem teve dois filhos, casou-se, um ano depois, com Aguinaldo Bezerra dos Santos, importante líder comunitário carioca, que morreu em 1988. Atualmente está casada com o ator e político Antônio Pitanga. Benedita da Silva, homenageada pelo museu da ONU (Organização das Nações Unidas) em Nova York defende em sua trajetória oportunidades e igualdades para as classes menos favorecidas.

3.6.3 Carolina de Jesus

Escritora, negra e favelada são substantivos que reverberam a história de Carolina Maria de Jesus, nascida em 14 de março de 1914, em Sacramento- Minas Gerais, subsidiou a visibilidade aos invisíveis através de seus livros, com relatos do cotidiano na favela do Canindé através de seu olhar, ainda que, possuía apenas dois anos de ensino formal (BRASIL ESCOLA).

Com uma infância conturbada, passou alguns anos migrando em diversas cidades de Minas Gerais e de São Paulo, até que se estabeleceu na favela do Canindé, onde trabalhou de empregada doméstica e catadora de papéis e outros materiais recicláveis. Cativada pela leitura, escrevia seus relatos enquanto trabalhava como catadora, e lia as revistas e livros que encontrava (BRASIL ESCOLA).

Figura 3 – Carolina de Jesus.



Fonte: BRASIL ESCOLA.

A visibilidade de Carolina aconteceu em dois momentos, o primeiro acontece quando publica um poema sobre Getúlio Vargas no jornal O Defensor, de forma que desperta o interesse do jornalista Audálio Dantas em suas escritas, mais tarde o mesmo iria ajudá-la a publicar seu primeiro livro e de maior sucesso de sua carreira intitulado “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960). Este Best seller lhe rendeu homenagens da Academia das Letras, um Título honorífico da Argentina e a tradução de sua obra em aproximadamente 40 países (BRASIL ESCOLA). Após seu sucesso inicial se muda com seus filhos para Santana e publica outros livros, porém estes sem tamanho sucesso como seu *best seller* anterior. Em 1977 a escritora falece em São Paulo (BRASIL ESCOLA).

A segunda maior visibilidade da escritora surge em razão da publicação do livro de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. publicado em 1994 sobre a vida de Carolina, despertando o interesse do público nas obras dela novamente. Rendendo homenagem à escritora em rua, biblioteca, teses e dissertações acadêmicas. A escrita salvou a vida de Carolina e causou representatividade para a população da favela, visto que, suas percepções e indignações sobre as injustiças causadas por uma sociedade que não enxergava o favelado e muito menos o negro lhe renderam o título de mulher precursora da escrita periférica (BRASIL ESCOLA).

3. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Escolhi este método porque parte do princípio de que design, muito mais que a entrega de algo físico, é um processo. A partir desta linha de pensamento, o Design Thinking é o modo de pensar esse processo em todas as suas etapas, viabilizando o projeto de acordo com os seus objetivos (AMBROSE; HARRIS, 2011, pg. 06).

Dentre os objetivos de um projeto de design o principal é a partir de um briefing do cliente, entregar o trabalho pronto. Porém, até o produto final, o processo passa por diversas fases que o Design Thinking divide em sete macro etapas, são elas: definir, pesquisar, gerar ideias, testar protótipos, selecionar, implementar e aprender. Cada uma dessas sete partes, se desdobra em outras micro etapas e é com essas subdivisões que pretendo trabalhar já que o principal objetivo delas é "gerar e desenvolver ideias para produzir soluções criativas que melhor atendam aos objetivos estabelecidos no briefing" (AMBROSE; HARRIS, 2011, pg. 06 a 10).

Portanto, ao invés de utilizar o Design Thinking da forma segmentada que ele se apresenta, vou selecionar algumas "micro-etapas" procurando encaixá-las de acordo com o objetivo que eu pretendo em cada parte do desenvolvimento do projeto.

3.1 CONCEITO

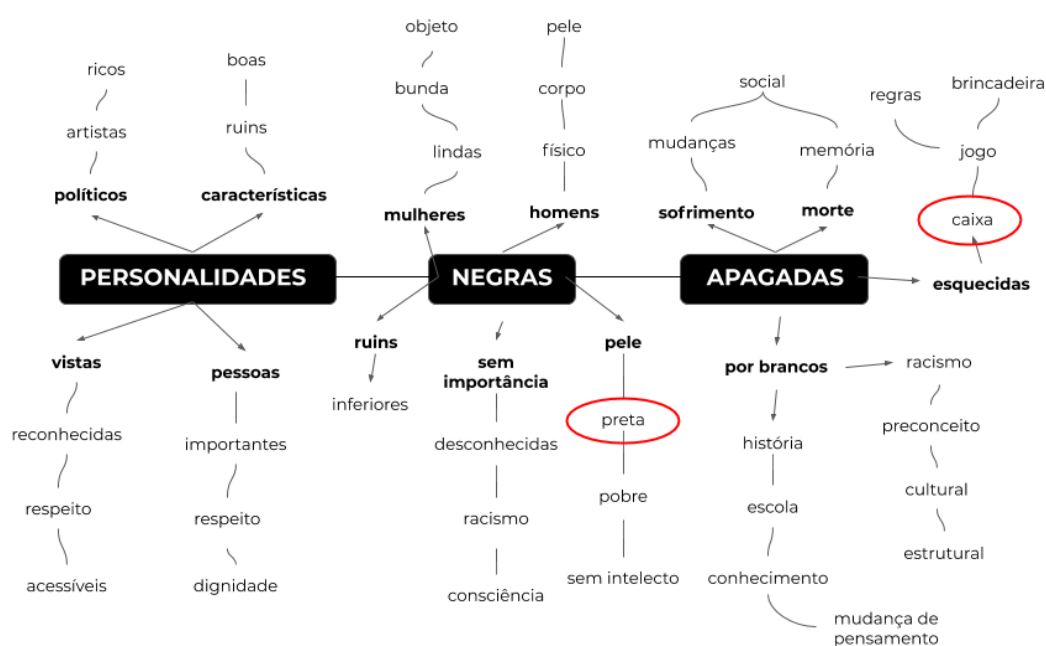
Depois de revisar bibliografias a respeito dos temas teóricos, vi a necessidade de compilar as ideias através de palavras numa tentativa de chegar em um conceito que norteará o projeto. Com a técnica de brainstorming que consiste em uma abordagem de criação para desenvolver ideias e visualizar possíveis soluções. A proposta é que a partir de palavras-chave ou determinadas perguntas façamos sugestões ideias, palavras ou imagens relacionadas ao assunto durante um período de tempo pré-determinado. Sem julgamentos, sem querer dar soluções diretas e sem críticas, as ideias são anotadas em um quadro branco ou *post-its*, por exemplo (AMBROSE; HARRIS, 2011, pg. 66).

Durante o projeto fiz um pequeno diário visual com sobras de papéis que eu tinha e o utilizei para documentar manualmente algumas técnicas, rabiscos e ideias e foi nele que coloquei os vocábulos personalidades, negras e apagadas e durante o intervalo de trinta minutos, fiz um brainstorming somente com termos que assimilei

lendo as fontes apresentadas na revisão bibliográfica e que vieram à mente e o transcrevi digitalmente, como mostra a figura 4. Várias palavras apareceram, mas escolhi caixa e preta, pelos significados que elas têm juntas e separadas para o projeto.

Caixa, foi derivada da palavra esquecida, como aquelas que se deixa no armário com recordações, sem abri-la durante muito tempo, por esquecimento, com isso criei uma relação com o apagamento de personalidades negras no país. Enquanto, preta surgiu de pele e que ao contrário do que se pensa, não é xingamento, já que o próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a apresenta como uma variação de tom de pele. Normalmente preta, é substituída por expressões que buscam amenizar a realidade, por parecer como uma falha, uma deficiência, como por exemplo mulata e morena que são empregadas de forma equivocada e colonizadora. A primeira porque vem de mula, cruzamento de burro com égua, muito utilizada para comparar um filho de um homem branco com mulher negra, o que nos coloca mais como animais, que como pessoas. Enquanto morena é uma pessoa branca que tem cabelos escuros, sendo assim, mais uma tentativa de nos tornar mais próximos dos brancos que por nossos ancestrais, reforçando a ideia de que não podemos nos orgulhar de quem somos e que precisamos nos aproximar do que é belo, ou seja, branco.

Figura 4 - Brainstorming do Caixa Preta.



Fonte: Autoral (2019).

A junção das duas palavras, remete ao termo caixa-preta, que é o equipamento utilizado em aviões, para gravar todos os dados operacionais e conversas da tripulação. Feita por material altamente resistente a altas temperaturas e apresentar cores vibrantes, em caso de acidente, é facilmente encontrada. Assimilando-o com o trabalho, as cartas serão uma tentativa de convidar mais pessoas a entenderem o que esse acidente histórico oriundo do racismo e revelar que na verdade personalidades pretas existiram, só não foram devidamente reconhecidas.

Por trás de todo jogo, todo baralho, cartas colecionáveis, tem uma editora, que pode ser independente, uma empresa que não necessariamente fabrica, mas que distribui esses produtos através de sites, redes sociais ou lojas físicas aos consumidores. Alguns exemplos são a Copag, que produz e distribui baralhos convencionais e a Galápagos Jogos, que é uma editora e distribuidora de vários jogos conhecidos, como a série *Black Stories*. Sendo assim, criei uma identidade visual para o nome Caixa Preta que será uma marca que distribui e comercializa cartas colecionáveis sobre personalidades pretas.

No meu processo criativo é imprescindível a utilização de um painel de referências, que é basicamente uma junção de imagens em um mesmo lugar acerca de um tema central. Para o design thinking a inspiração é essencial para qualquer atividade criativa e no design não é diferente, pois um designer pode tirar suas inspirações de qualquer fonte visual: um livro, um filme, música, movimentos artísticos, etc (AMBROSE; HARRIS, 2011, pg. 60).

A inspiração para o Caixa Preta provém de grafismos da arquitetura africana. A princípio, comecei pesquisando sobre estampania africana e reparei que muitos dos elementos gráficos dos tecidos estavam relacionados também sobre a origem de cada povoado africano. Após ler sobre alguns desses povoados, cheguei no vilarejo de Tiébélé, localizado no país africano de Burkina Faso, perto de Gana (BRAVO, 2014).

Os habitantes deste vilarejo preservam costumes muito peculiares, passados de geração para geração e pintar as casas com tintas que são misturas de barro com e pedras coloridas, são um deles. Este costume serve para distinguir hierarquias sociais e também estão ligadas ao cotidiano do grupo (REIS, 2016).

Observando o quadro de referências que montei, figura 5, pude observar que as formas bases para os grafismos são em sua maioria geométricas. Com isso, fiz um processo de isolar essas figuras para compreender os formatos básicos que se

repetem e depois agrupei outras formas secundárias que mais me chamaram a atenção.

A partir das formas bases e secundárias, fiz texturas como mostra a figura 6. Essas texturas farão parte da identidade da Caixa Preta, podendo ser aplicadas em conjunto, separadas ou somente a forma base do módulo, como na embalagem, por exemplo. Estas texturas me mostraram o tipo de tipografia que eu queria: geométrica, com o desenho da letra largo e sem muita diferença de altura entre a caixa baixa e

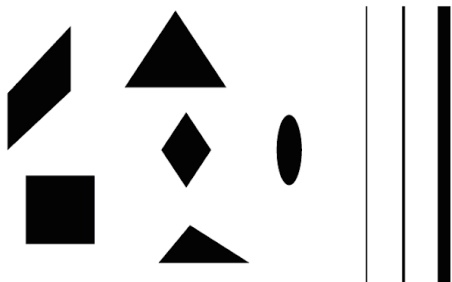
Figura 5 – Referências das casas de Tiébé.



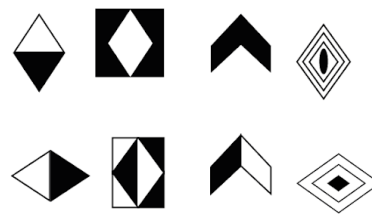
Fonte: Autoral (2020).

Figura 6 – Estudos de formas geométricas da arquitetura de Tiébé.

Formas geométricas básicas



Formas geométricas secundárias

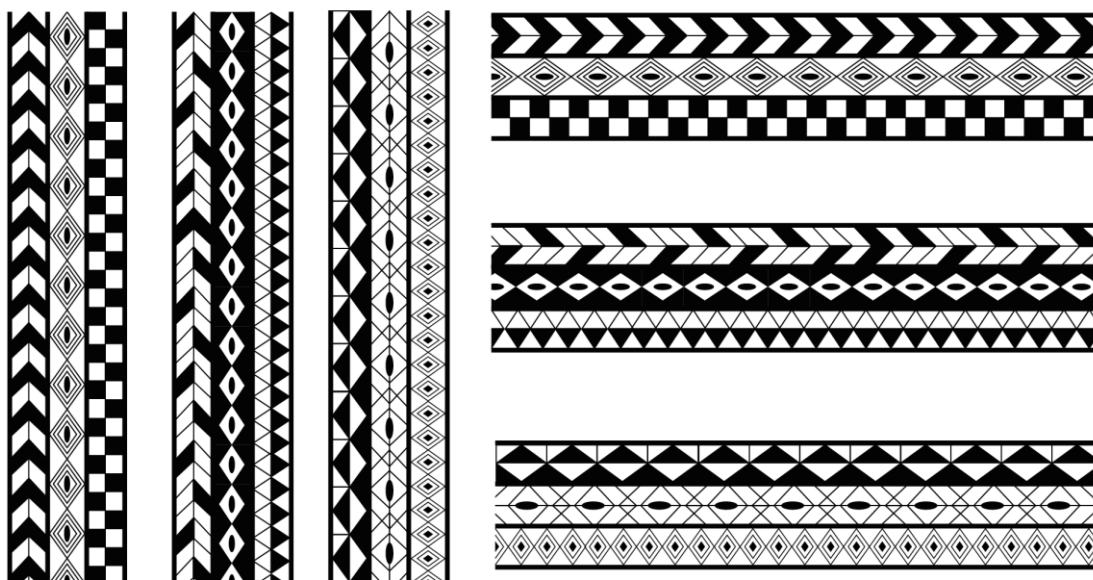


Fonte: Autoral (2020).

A partir das formas bases e secundárias, fiz texturas como mostra a figura 7. Essas texturas farão parte da identidade da Caixa Preta, podendo ser aplicadas em conjunto, separadas ou somente a forma base do módulo, como na embalagem, por exemplo. Estas texturas me mostraram o tipo de tipografia que eu queria: geométrica, com o desenho da letra largo e sem muita diferença de altura entre a caixa baixa e alta, ou seja, que fosse uma extensão delas.

Figura 7 – Texturas Caixa Preta.

Texturas feitas a partir das formas geométricas básicas e secundárias



Fonte: Autoral (2020).

Primeiro encontrei a *Don Jose*, que apesar de ser mais orgânica, pensei em aplicar as texturas em um ou mais tipos já que a largura dela era propícia. Depois quis procurar uma que fosse oposta à ela, serifada. A *Mosherif* me pareceu interessante, porque apesar de não ser larga e só ter sido criada a versão caixa alta, ela tem três variações com alturas e pesos diferentes, o que possibilitaria fazer uma montagem intercalando-as com formas geométricas, porém, foi quando encontrei a *Stjila* que decidi aplicar na Caixa Preta. Ela foi desenhada a partir de formas geométricas triangulares, uma das formas utilizadas nos grafismos do vilarejo de Tiébélé, como mostra a figura 8.

Para a logomarca retirei os grafismos da fonte e a deixei com todas as superfícies planas, alterei o espaçamento entre letras da palavra caixa e modifiquei moderadamente a letra C. No símbolo da marca juntei elementos das letras iniciais e o resultado está na figura 9. Além da utilização do positivo e negativo da marca em preto e branco, escolhi cores (figura 10) terrosas que remetem aos tons do barro e tons de peles e o laranja de uma caixa preta. Por fim, como estava com um espaçamento muito grande entre as letras, criando um incomodo visual, preenchi a marca com contra-formas que remetem à geometria da arquitetura de Tiébélé e apliquei as cores, já que a marca não funciona em preto e branco, porém combina perfeitamente com os fundos de todas as cores da identidade visual.

Figura 8 – Fontes para a Caixa Preta.

Tipografias com o nome Caixa Preta

Don Jose

CAIXA PRETA

Mosherif

CAIXA PRETA CAIXA PRETA
CAIXA PRETA

Stijla

CAIXA PRETA

Fonte: Autoral (2020).

Figura 9 – Marca Caixa Preta.

Marca Caixa Preta



Fonte: Autoral (2020).

Figura 10 – Cores e variações da marca.

Cores



Fonte: Autoral (2020).

3.2 AS CARTAS

No início do projeto, tinha idealizado cartas com ilustrações, porém, para gerar uma familiarização com as personalidades, optei por utilizar fotos delas de modo a compor uma colagem digital. Assim como na idealização do conceito e formulação da marca Caixa Preta, utilizei um painel de referências com colagens das artistas Cacica Honta, Rosana Paulino e do artista Temi Coker. Além de fragmentos de diversas fontes como de um feed da do Instagram sobre questões racistas que utiliza

Apliquei as mesmas cores da identidade da Caixa Preta, alternando-as com degradês. Para as cartas será utilizado papel cartão duplado, com impressão offset em ambos os lados devido a qualidade superior dela em relação à digital e em Curitiba encontrei a gráfica Mariles que faz impressões desse tipo em menor quantidade. O acabamento será em verniz fosco e verniz brilhante localizado nas personalidades, além dos refiles dos cantos para deixá-los arredondados.

Figura 12 – Cartas (frente).



Fonte: Autoral (2020).

O resultado das cartas estão na figura 12 acima, em que foram aplicados símbolos das texturas, demarcando elementos correspondentes as casas de cada uma das personalidades, simbolizando que a população negra pode ocupar todos e quaisquer espaços. As cores utilizadas derivaram da identidade da Caixa Preta e as flores simbolizam a possibilidade de florescer o conhecimento ou familiarização dessas pessoas que será possível através do acesso da biografia delas a partir do QR code aplicado no verso das cartas, como mostra a figura 13. Ainda sobre o verso das peças gráficas, foi aplicado a logo do Caixa Preta e grafismos criados no início do processo criativo.

Como não houve impressão das peças, simulei a embalagem e as cartas em mockups digitais para uma melhor visualização de como seria o resultado gráfico final das peças, conforme as figuras 14 e 15 mostram.

Figura 13 – Cartas (verso).



Fonte: Autorial (2020).

Figura 14 – Mockup digital embalagem e acabamento das cartas.



Fonte: Autorial (2020). Fonte: Autorial (2020).

Figura 15 – Mockup digital da amostra de cartas colecionáveis.



Fonte: Autoral (2020).

4. CONCLUSÃO

Quando comecei este trabalho tinha o intuito de trazer alguma familiarização ou reconhecimento a respeito de personalidades negras, mas o que eu não imaginava era me reencontrar enquanto uma pessoa preta e me espelhar na experiência de vida da Ádria, da Benedita, da Carol e de tantos outros para poder reestruturar um projeto que na sua primeira versão estava sendo prejudicado pelo próprio sistema racista, justamente pela falta de ocupação negra em lugares como a universidade. Sendo assim, apesar do Professor Ivo Queiroz não estar na curadoria da Fundação Cultural Palmares, ele foi uma personalidade importante na minha vida, mostrando que representatividade importa seja para elaborar um projeto de conclusão de curso, para lembrar que mulheres pretas podem almejar mais que trabalho doméstico, que homem preto pode se destacar em áreas majoritariamente ocupadas por brancos e que a Caixa Preta daquele acidente histórico que me impediu de estudar Dandara dos Palmares, Conceição Evaristo, Milton Santos e tantos outros negros, precisa ser encontrada. É uma metáfora, mas acredito que o racismo provoca diariamente pequenos acidentes e esse projeto foi uma tentativa de chamar a atenção pra isso através do design gráfico.

O QR code possibilitou resolver uma parte muito importante da problemática trazendo informações das personalidades de modo que não atribua valores as cartas que era um dos grandes desafios do projeto. Além disso, aplicar a metodologia de design thinking de maneira fragmentada me proporcionou uma maior liberdade de criação e permitiu que eu atingisse os objetivos do capítulo introdutório sem me perder no meio do processo.

A justificativa do meu projeto se baseou no papel social do design, especificamente o gráfico. Me formar com um trabalho que dialoga diretamente com as minhas dores e de tantas outras pessoas, me deixou com o sentimento de dever cumprido já que estou me referi a um problema social que se tornou irrelevante devido o posicionamento do Estado, mas que se trabalhado nos ambientes que formam pessoas, cultura e opiniões, como a universidade, pode trazer mudanças positivas na nossa sociedade.

Para concluir meu curso eu precisei entregar este documento, porém tenho a intenção de levar o Caixa Preta adiante objetivando a sua utilização em disciplinas na universidade, como a de estudos africanos. Para tanto, algumas lacunas deverão ser

preenchidas ou solucionadas, como o direito de utilização das imagens nas cartas, a elaboração de um projeto de embalagem e um aprofundamento dos temas que permeiam o apagamento de personalidades negras para propor rodas de conversa, dinâmicas de aprendizagem, etc.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Tradução de Julia Romeu, Companhia das letras, 2019.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Design Thinking**. Porto Alegre : Bookman, 2011.

Benedita da Silva – Primeira senadora negra do Brasil. **As mina na História**. Brasil, dezembro de 2016. Disponível em:<<https://asminanahistoria.com/2016/12/23/benedita-da-silva-primeira-senadora-negra-do-brasil/>>. Acesso em 07 set. 2020

BRAGA, Marcos da Costa. **O Papel Social do Design Gráfico**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

Como estamos nós as Mulheres Negras no Dia Internacional da Mulher. **Portal Geledés**. São Paulo, março de 2015. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/como-estamos-nos-as-mulheres-negras-no-dia-internacional-da-mulher/>>. Acesso em 01 set. 2020.

Conheça o Brasil - População. Cor ou raça. **IBGE Educa**. Brasil, 2016. Disponível em:<<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em 20.dez.2019.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo [online]**, 2007, vol.12, n.23, pp.100-122. ISSN 1413-7704. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>>. Acesso em: 11 nov.2018.

GAIO, Giulia. **Os alunos conheçam, para passar a reconhecer, a importância da contribuição africana para o Brasil**. Univerdidade Tecnológica Federal do Paraná - Notícias. Curitiba, junho de 2018. Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/noticias/curitiba/disciplina-optativa-201cpresenca-africana-no-brasil-tecnologia-e-trabalho201d-celebra-os-130-anos-da-abolicao-da-escravatura-com-reflexao-em-sala-de-aula>>. Acesso em 29.jun.2020.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62. Disponível em:<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

Hoje na História, 1988, A Lei n. 7.668 cria a Fundação Cultural Palmares. **Geledés - Instituto da mulher negra**. São Paulo, 2011. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-1988-a-lei-n-7668-cria-a-fundacao-cultural-palmares/>>. Acesso em 29.09.2019.

QUEIROZ, Ivo Pereira de. Ivo Pereira de Queiroz. **Currículo Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3496905394140131>>. Acesso em 29.jun. 2020

Kominek, Andréa Maila Voss. Andréa Maila Voss Kominek. **Currículo Lattes**. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4700010Y4>>. Acesso em 29.jun. 2020

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MIRANDA, Débora. Adria Santos: carta da maior medalhista paralímpica do Brasil. **UOL Portal Universa**. São Paulo, maio de 2018. Disponível em: <<https://extraordinarias.blogosfera.uol.com.br/2018/05/24/adria-santos-carta-da-maior-medalhista-paralimpica-do-brasil/>>. Acesso em: 06 set. 2020.

MODELLI, Laís. Negros e negras brasileiros que deveriam ser mais estudados nas escolas. **BBC Brasil**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42033622>>. Acesso em: 11 nov.2018.

MUNANGA, Kabengele. **Uma Abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB. Rio de Janeiro, 2003. *Anais...* Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>. Acesso em: 26 de jan. dez. 2019.

SOUZA, Warley.Carolina Maria de Jesus. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>>. Acesso em 07 set. 2020.

Palmares completa 29 anos. Fundação Palmares, 2017. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=46878>>. Acesso em 29 set.19.

Pereira, Márcia Pereira; Silva, Pedro Maurício da. **Percurso da Lei 10639/03: antecedentes e desdobramentos**. Linguagens & Cidadania, v. 14, jan./dez., 2012. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/23810>>. Acesso em: 23.09.2019

Personalidades. FUNDAÇÃO PALMARES. Brasília. Disponível em <<http://www.palmares.gov.br/?p=8470>>. Acesso em 23.10.2019.